



Análise da produção científica em periódicos nacionais sobre incubadoras de empresas

Eric Vinicius Lucion

União Educacional de Cascavel, Brasil
eric_lucion8@hotmail.com

Elizandra da Silva

Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil
elizandra.silva@unioeste.br

Gustavo Yuho Endo

Universidade do Oeste Paulista, Brasil
gustavo_endo@yahoo.com.br

RESUMO

Incubadoras de empresas são organismos desenvolvidos com o intuito de prover suporte   inovação gerada em empresas emergentes de pequeno porte, sendo um instrumento que vem ganhando espaço no cenário nacional. Sendo assim, este trabalho se desenvolve   guisa de atingir seu objetivo que é analisar a produção científica nacional publicada em periódicos, referentes a incubadoras de empresas. Para atingir tal proposta fora realizado levantamento bibliográfico e identificados 73 artigos em um extrato de 10 anos de pesquisa, os quais foram analisados qualitativamente. Os resultados apontam para uma concentração de temas abordados em dez categorias, sendo que três com maior destaque, e retratam resultados em grande parte negativos sobre o desempenho que as instituições vêm alcançando junto à sociedade empreendedora, apresentando também diversas oportunidades de melhorias em áreas que podem alterar a realidade deparada.

Palavras-chave: estratégia, empreendedorismo, inovação, incubação de empresa.

Analysis of scientific production in national journals about business incubators

Abstract

Business incubators are organisms developed with the intention of providing support to the innovation generated in small emerging companies, being an instrument that has been gaining space in the national scenario. Therefore, this work is developed to achieve its aims, which is to analyze the national scientific production published in journals, referring to business incubators. To achieve this proposal, a bibliographic survey was carried out and 73 articles were identified in an extract of 10 years of research, which were analyzed qualitatively. The results point to a concentration of themes covered in ten categories, three of which are more prominent, and portray largely negative results on the performance that institutions have been achieving with the

entrepreneurial society, also presenting several opportunities for improvement in areas that can change the reality faced.

Keywords: *strategy, entrepreneurship, innovation, company incubation.*

INTRODUÇÃO

Crescer e se desenvolver num mercado altamente competitivo é algo difícil e muitas vezes não alcançado por inúmeras empresas de micro e pequeno porte no cenário brasileiro. De acordo com o SEBRAE-SP (2015), 56% destas empresas não atingem cinco anos de funcionamento por uma série de fatores que vão desde falta de planejamento à falta de recursos financeiros para a manutenção do negócio.

Estas micro e pequenas empresas que buscam sobreviver e atingir sucesso no mercado correspondem a uma fatia considerada do Produto Interno Bruto – PIB nacional – 27% segundo SEBRAE (2015), além de empregar milhões de trabalhadores em suas empresas das mais variadas finalidades, gerando impostos e renda ao estado e promovendo seu crescimento, o que justifica a promoção de iniciativas de apoio a estas empresas.

Em um ambiente repleto de incertezas característico das rápidas mudanças que ocorrem, crescem o número de instituições e projetos que visam prover suporte de vários fins com o objetivo de minimizar tamanha taxa de mortalidade, fortalecendo as bases administrativas e financeiras destes negócios, aumentando sua competitividade e eficiência mercadológica e, logo, suas chances de sobrevivência e sucesso (RAUPP; BEUREN, 2011).

Uma destas iniciativas é promovida na criação e desenvolvimento de espaços físicos capazes de “abrigar” empresas iniciantes que apresentam diferenciação e potencial de crescimento, chamados de Incubadoras de Empresas. Nestes espaços diversos serviços são ofertados ao empreendedor, como capacitações de gestão, por exemplo, além de uma infraestrutura completa a um custo menor que o apresentado pelo mercado, suprimindo as maiores carências em geral apresentadas por empreendimentos em estágio inicial e assim, fornecendo bases para seu desenvolvimento (ANPROTEC, 2015).

Desta forma, torna-se importante analisar a produção nacional publicada em periódicos e revistas científicas acerca dos resultados que estas instituições vêm obtendo em termos de apoio e desenvolvimento das empresas nela incubadas, assim como a evolução dos sistemas de gestão destes espaços. Sendo assim, esta pesquisa visa responder a seguinte pergunta de questão: Qual é a produção científica nacional, publicada em periódicos brasileiros, sobre incubadoras de empresas? Para responder tal pergunta, o objetivo da pesquisa é analisar a produção científica nacional publicada em periódicos sobre a temática de incubadoras de empresas.

Os principais achados apontam para uma concentração de temas abordados em dez categorias, e retratam resultados em grande parte negativos sobre o desempenho que as instituições vêm alcançando junto a seus clientes, apresentando também diversas oportunidades de melhorias em áreas que podem alterar a realidade visualizada.

O presente artigo está organizado da seguinte forma, nessa primeira seção apresenta-se a introdução juntamente com a pergunta de pesquisa e o objetivo; na segunda seção o referencial teórico; na terceira seção o percurso metodológico utilizado; na quarta seção são apresentados os resultados obtidos e, por fim, na última seção as considerações finais do estudo.

REFERENCIAL TEÓRICO

Nesta seção são apresentados fundamentos teóricos a cerca de empreendedorismo e incubadoras de empresas a fim proporcionar maior familiarização com os temas dos estudos nele desenvolvidos.

Empreendedorismo

Crescimento financeiro, realização pessoal e profissional e, principalmente, identificação de uma oportunidade presente no mercado são fatores que enaltecem e continuam estimulando a entrada de inúmeros novos empreendedores no mercado, os quais abrem suas empresas almejando o sucesso (RAUPP; BEUREN, 2006).

Entende-se então que empreendedor é aquele que identifica uma oportunidade no mercado e atua em ímpeto, age de acordo com sua visão e assume riscos de forma calculada ao entrar no mercado de forma competitiva. O empreendedor é também aquele que oferta ao mercado algo novo, inovador e diferente dos produtos existentes, ou ainda inova em processos que acarretem em redução em custos operacionais (FERREIRA et al, 2008; RAUPP; BEUREN, 2009; SILVA et al., 2013; SOUZA et al., 2015), gerando assim vantagem competitiva (PORTER, 2004).

É a partir do empreendedorismo e da inovação que este produz que, segundo Schumpeter (1942), ocorre o desenvolvimento e modificação de um sistema, denominando de “destruição criativa” este processo de transformação do velho para o novo. E é neste movimento empreendedor que, segundo Raupp e Beuren (2009), ocorre o desenvolvimento econômico da sociedade.

E nesta linha, como destacam Raupp e Beuren (2009), não são apenas dados positivos que derivam dos empreendimentos emergentes, o número destas que não atingem dois anos de existência é elevado, em 2012 24,4% não ultrapassavam este tempo (SEBRAE, 2013). E se ampliada a abrangência longitudinal desta análise, para cinco anos tendo o Estado de São Paulo como base, temos um cenário bastante hostil para o sucesso destas organizações sendo que a porcentagem de fechamentos chega a 56% (SEBRAE-SP, 2015).

De acordo com Raupp e Beuren (2009), grande parte destes acontecimentos se dá devido a falhas de gestão – envolvendo falha de planejamento, inexistência de controle financeiro, etc; pesquisa de mercado mal ou não formulada, e também elevados custos, os quais acabam por limitar a experiência de empreendedores que trazem em seus negócios produtos inovadores com alto potencial de impacto no mercado.

Alguns autores sugerem a adoção de algumas posturas ditas como necessárias para aumentar as possibilidades de sucesso destas empresas emergentes e que hoje ainda não são estudadas, assumindo então um caráter estratégico de análise e atuação mercadológica, sendo chamado de empreendedorismo estratégico, o qual pauta suas decisões de forma planejada (STOROPOLI; BINDER; MACCARI, 2013).

Incubadoras de empresas

De acordo com o MCT – Ministério da Ciência e Tecnologia (2000, p.6), uma incubadora de empresas “é um mecanismo que estimula a criação e o desenvolvimento de micro e pequenas empresas industriais ou de prestação de serviços [...] por meio da formação complementar do empreendedor em seus aspectos técnicos e gerenciais”, tendo como objetivos a sobrevivência destas empresas, assim como o aumento de sua competitividade, gerando empregos e promovendo o desenvolvimento econômico (VEDOVELLO; FIGUEIREDO, 2005; RAUPP; BEUREN, 2009).

A nomenclatura “Incubadora” é uma herança do primeiro sistema que se assemelha aos moldes atuais deste tipo de arranjos estruturais. Em 1951 na cidade de Nova Iorque, Estados Unidos, o fechamento de uma fábrica da Massey Ferguson gerou um considerável número de desempregos na região, além de uma grande estrutura vaga, a qual foi comprada por Joseph Mancuso e sublocada a pequenas empresas iniciantes. Esta estrutura se assemelha aos moldes atuais devido à oferta de uma série de serviços agregados aos locatários, tais como secretariado, contabilidade, marketing, etc, que minimizavam os custos operacionais e, logo, aumentava a competitividade destas empresas. A primeira empresa a ser instalada no local foi um aviário, que gerou o nome “Incubadora” (ANHALON; SILVA, 2015; ANPROTEC, 2015).

Mais tarde, na região do Vale do Silício – polo de desenvolvimento tecnológico - um professor da Stanford University criou um ambiente que fomentava o empreendedorismo em seus alunos recém-graduados, seus resultados foram os responsáveis pela disseminação destes ambientes inovadores denominados incubadoras de empresas (ANHALON; SILVA, 2015; ANPROTEC, 2015).

No Brasil, o início dos esforços de construção de modelos estruturais que buscavam atender ao público empreendedor se deu na década de 80 com a criação do parque tecnológico Fundação Parque de Alta Tecnologia de São Carlos – ParqTec, em São Paulo. Depois desta experiência foram construídas outras quatro incubadoras no país (ANPROTEC, 2015).

Em estudo realizado pela ANPROTEC – Associação Nacional de Entidades Promotoras de Empreendimentos Inovadores no ano de 2011, dados apontam que as incubadoras vêm crescendo em âmbito nacional, e contabilizavam até o momento da pesquisa, 384 incubadoras cujos números de emprego e renda demonstram o impacto positivo em termos econômicos e sociais gerados por estas instituições (ANPROTEC, 2012).

Este estudo apontava somatório de 2.640 empresas incubadas espalhadas por todo o território nacional, gerando 16.394 empregos e um faturamento de R\$ 533 milhões. E as empresas em caráter de “graduadas” – empresas que já passaram pelo processo de graduação e possuem capacidade técnica e gerencial para se estabilizarem no mercado, atuando fora da incubadora - estas somam 2.509 empresas que empregam 29.205 pessoas e faturam juntas o equivalente a R\$ 16.394 bilhões anuais (ANPROTEC, 2012).

Já estudo publicado em 2019 pela ANPROTEC aponta a existência de 405 incubadoras no país, mas apenas 363 delas apresentam registro de atividade. O estudo aponta também que em 2017 um total de 1.231 empresas estavam incubadas em 109 estruturas, as quais responderam ao questionário aplicado pela Associação (ANPROTEC, 2019).

Ainda neste estudo são apresentados dados sobre o faturamento das empresas incubadas em 66 estruturas que alegaram possuir esta informação, alcançando no ano de 2017, montante de R\$ 245 milhões e gerando 4.950 postos de trabalho. Sobre as empresas graduadas, os respondentes apontam faturamento superior a R\$ 15 bilhões, e 21.395 postos de trabalho gerados (ANPROTEC, 2019).

Para promover seu objetivo de agregar benefícios a empreendedores estimulando a criação e desenvolvimento da inovação (SOUZA et al., 2015), a incubadora oferece uma série de benefícios que são agrupados dentro da planta das Incubadoras, tanto físicos como intangíveis na ordem de serviços e assessorias, benefícios estes que atendem à melhoria gerencial, estratégica e competitiva destas empresas, melhorando suas expectativas de sucesso junto ao mercado (FERREIRA et al, 2008; RAUPP; BEUREN, 2009; SILVA et al., 2013; SOUZA et al., 2015).

Uma das questões relativas dentro da abrangência de atores que se engajam na promoção de inovação, capacitação e fortalecimento de empreendedores e seus projetos é a relação que pode ser promovida entre o meio acadêmico e estas organizações, promovendo a transmissão de conhecimento oriundo nas universidades para as empresas e possibilitando o surgimento, desenvolvimento e alavancagem de projetos oriundos dentro das universidades por seus alunos, os chamados spin-offs acadêmicos (SANTOS; TEIXEIRA, 2012; SANTOS; FILHO, 2014).

Outro benefício exposto pela ANPROTEC (2015) é a rede de contatos promovidos pelas incubadoras, tanto em relacionamentos internos com outras empresas ali encubadas, como também nas parcerias firmadas por estas instituições com entidades públicas e privadas, tais como SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas.

No entanto, alguns requisitos são exigidos para a entrada de empresas em incubadoras que variam de instituição para instituição. O processo inicial de entrada pode ocorrer na apresentação pelos gestores de um plano de negócios estruturado onde serão avaliados o caráter inovador e o potencial de sucesso destes negócios (NORONHA et al., 2014).

A partir de então ocorrem três etapas possíveis, a pré-incubação, incubação e pós-incubação ou graduação das empresas, este processo não possui um tempo determinado já que

o que determinará seu fim será a avaliação das capacidades da empresa em atuar no mercado sem o amparo da incubadora, podendo variar de um a três anos, período em que a taxa de mortalidade é mais acentuada (NORONHA, et al., 2014; ANPROTEC, 2015).

Existem ainda diferentes tipos de incubadoras e diferentes modalidades de incubação. Os tipos de incubadoras são definidos conforme as empresas que abrigam, podendo ser de Base Tecnológica – empresas onde a tecnologia é o principal fator de agregação de valor a produtos, processos ou serviços gerados; Incubadora de Empresas dos Setores Tradicionais, como agronegócio, por exemplo – abrindo empresas de setores tradicionais da economia e com tecnologia altamente difundida, realizando processo de mudança incremental para agregar valor e inovar; existindo ainda Incubadoras Mistas, as quais abrigam os dois tipos de empresas citadas (MCT, 2000).

METODOLOGIA

Este trabalho se desenvolve sob caráter exploratório onde objetiva-se a familiarização com o assunto, portanto não é realizada sua descrição em profundidade já que, de acordo com Marconi e Lakatos (2011), a abordagem exploratória proporciona uma visão ampla e generalizada sobre o assunto pesquisado, permitindo abordagens generalizadas que levam a um entendimento mais amplo do campo estudado.

Para o alcance do objetivo proposto neste trabalho, os métodos de coleta de dados utilizados se definem como pesquisa bibliográfica e documental, realizada a partir de artigos previamente publicados sobre o tema em questão. A coleta destes dados fora realizada em janeiro de 2016 a fim de contemplar todos os artigos publicados no ano de 2015. Segundo Gil (2008), a pesquisa bibliográfica permite aumentar o campo de informações acerca do tema estudado e desta forma, leva a uma melhor conceituação do mesmo.

A amostra utilizada para este estudo fora obtida em pesquisa realizada em periódicos relacionados na Plataforma Sucupira – CAPES, e seguindo-se critérios de inclusão a fim de melhor orientar a pesquisa. Os critérios utilizados foram:

- a) Periódicos referentes às áreas de Administração, Ciências Contábeis e Turismo;
- b) Periódicos classificados nos estratos A1, A2, B1, B2 e B3 de acordo com o WebQualis Capes 2014;
- c) Publicações realizadas entre janeiro de 2005 e dezembro de 2015, buscando-se completar dez anos de publicações;

Foram excluídos das buscas inicialmente os periódicos estrangeiros, assim como aqueles não pertinentes à área de estudo, tais como de medicina por exemplo. Fora realizada busca nos demais artigos resultantes tendo como termos de busca as palavras apresentadas a seguir e suas variáveis: incubadora (singular e plural); incubadora de empresa; incubadora de empresas; parque tecnológico (singular e plural); e aceleradora de empresas.

A partir da identificação dos artigos, estes foram analisados com o intuito de classificar aqueles que envolvem o tema incubadora de empresas em seu conteúdo a partir da leitura de resumos, introdução e conclusão quando necessário. Por meio dos métodos de busca delimitados, foram encontrados resultados em 38 periódicos correspondentes à área de Administração, Ciências Contábeis e Turismo, os quais totalizaram 95 artigos. Esta totalidade foi analisada através da leitura dos resumos, introduções e conclusões a fim de verificar a correspondência com o objetivo das buscas, o que permitiu a exclusão de 18 artigos não pertinentes, ou seja, não apresentam relação com incubação de empresas. Outro artigo foi excluído por estar publicado em dois periódicos diferentes, outros dois por não estarem redigidos em língua vernácula e um por ser apenas resumo, totalizando 73 artigos amostrais.

Realizou-se então análise qualitativa dos artigos resultantes, verificando os objetivos das pesquisas e seus respectivos resultados, permitindo assim construir um panorama das tendências de publicação e da situação geral das incubadoras de empresas em âmbito nacional. Os resultados obtidos se encontram na seção seguinte.

RESULTADOS

Nesta seção apresentam-se os resultados encontrados na pesquisa bibliográfica realizada, oferecendo análises qualitativas dos mesmos a fim de atingir o objetivo a que este estudo se propõe. As análises foram agrupadas de acordo com os objetivos almejados pelos autores, a tabela 1 apresenta os principais temas encontrados e a quantidade de artigos encontrados sobre cada um deles.

Tabela 1 – Categorias de estudo

Categoria de estudos	Quantidade
1 – Relação incubadora e governo: promoção de desenvolvimento regional	6
2 – Planejamento estratégico e análise ambiental nas incubadoras	7
3 – Gestão de incubadoras	6
4 – Transmissão de capacidades e conhecimentos	13
5 – Redes de relacionamento intra e extra incubadora	4
6 - Avaliação dos apoios recebidos	10
7 – Proposta de indicadores de desempenho	10
8 – Gestão de conhecimento por incubadas	5
9 – Relação Universidade e incubadoras	5
10 - Outros estudos	7

Fonte: Elaboração dos autores (2016)

Análise qualitativa dos artigos

Nesta seção serão analisados qualitativamente os artigos encontrados como resultados das buscas, sendo descritos os objetivos almejados e os resultados encontrados em sua pesquisa.

Relação incubadora e governo: promoção de desenvolvimento regional

Em sua pesquisa baseada em um estudo de caso realizado em um município integrante do “Vale da Eletrônica”, Ribeiro, Andrade e Zambalde (2005) objetivaram identificar o papel do poder público na promoção da inovação em uma IBT, e concluíram que a parceria entre os dois

personagens pode agregar em minimização da taxa de desemprego além de fortalecer a economia regional.

Estudo envolvendo os mesmos atores fora realizado por Araujo e Boa (2013) referente à participação do governo do estado de São Paulo no desenvolvimento das incubadoras do estado, concluindo que não há ações e investimentos efetivos nesta área. As interações entre governo e incubadoras também foram analisadas por Rosa (2014), contudo com a inclusão das universidades e de empresas para a formalização da Hélice Tríplice, onde a autora atribui o sucesso da incubadora de Santa Maria na contribuição ao desenvolvimento regional à boa relação entre os três agentes.

Outro estudo envolvendo os agentes citados fora desenvolvido por Quintal, Terra e Santos (2014), o qual analisou a integração destes em municípios de três estados brasileiros, analisando desde características demográficas quanto sua capacidade de propiciar o desenvolvimento de ambientes de inovação, como os atores se portam nestes municípios e qual sua contribuição ao fomento de ambientes que estimulam a inovação.

Bons resultados refletidos no desenvolvimento regional proporcionados por incubadoras de empresas também são retratados no trabalho de Mantovani, Granito, Cabral e Leite (2006), no qual afirmam que a incubadora estudada exerce seu papel social e econômico ao passo em que oferece oportunidades de desenvolvimento sustentável para as micro e pequenas empresas da região, promovendo seu crescimento e, logo, a geração de empregos, contudo os autores identificam falhas na capacitação gerencial promovida pela incubadora.

Figueiredo e Leite (2006) realizaram um ensaio teórico acerca do desenvolvimento econômico e social de regiões periféricas afetadas pelo crescimento desnivelado em âmbito nacional, e afirmam em conclusão que este processo de reequilíbrio e crescimento se dá a partir do fomento ao empreendedorismo, onde as incubadoras se tornam agentes fundamentais para a obtenção dos resultados.

Planejamento estratégico e análise ambiental nas incubadoras

Porém, como afirmam Gaino e Pamplona (2014), em um ensaio teórico a respeito das experiências de implementação de incubadoras de empresas, a criação destes ambientes propícios à inovação e ao desenvolvimento deve ser preconizado de uma investigação acerca de alguns indicadores necessários para que tais iniciativas não sejam apenas instrumentos políticos e acabe por não gerar benefícios, mas sim desperdício de dinheiro. Os autores indicam alguns elementos já presentes na literatura e indicam outros elementos a serem observados neste processo, como, por exemplo, a verificação de históricos regionais sobre as iniciativas anteriormente tomadas.

Tal diagnóstico ambiental também foi objeto de pesquisa de Dutra et al. (2009). Nesta pesquisa, os autores avaliaram as análises ambientais e planos estratégicos quatro anos após sua realização para a implementação de uma incubadora tecnológica no Paraná, onde fora

constatado que a cultura tradicional da região não era inovadora e se tornou um fator limitante ao sucesso da incubadora. Também fora identificado que o plano estratégico serviu para controle da implementação da mesma, contudo demonstraram resistência por parte da gerência em adaptar estratégias de acordo com as alterações ambientais.

Campos e Barboza (2008) também realizaram estudo sob a perspectiva de monitoramento ambiental, porém as aplicações foram realizadas em 340 empresas incubadas e graduadas no Brasil buscando identificar se há diferenças no monitoramento ambiental entre diferentes tipos de empresa e seu estágio de incubação, assim como se há percepções diferentes quanto às fontes de informações utilizadas pelos mesmos. Como resultado tem-se que empresas de base tecnológica atentam mais para tendências ambientais da área, enquanto as demais observam aspectos ambientais mais gerais. Apresenta-se também que empresas graduadas monitoram o ambiente com maior frequência, já os incubados utilizam as redes de relacionamento como fontes suficientes de informações.

Já em estudo de Pereira et al. (2014), sob a perspectiva da estratégia como prática, os autores analisaram o processo de construção estratégica de empresas incubadas, nota-se neste trabalho que as estratégias são constituídas de maneira emergente. Garó, Leite e Tachizawa (2007) verificaram as condições ambientais para implementação de uma incubadora de empreendimentos sociais em Campo Limpo Paulista, em seus estudos foram analisados recursos naturais, culturais, históricos, econômicos e sociais do município, e definiram que o mesmo tem recursos suficientes para a implementação da incubadora.

Objetivando identificar fatores que potencializam o sucesso de incubadoras de empresas, Serra et al. (2011) identificaram por meio de questionários realizados com 37 incubadoras nacionais, que estes organismos quando instalados em regiões que provêm maior acesso a recursos tanto tangíveis (matéria-prima, por exemplo) como intangíveis (como tecnologia), assim como a oferta de serviços agregados e incubadoras com maior experiência, conseguem maior número de candidatos por vaga, o que aumenta as possibilidades de sucesso.

Em estudo que objetivou analisar a existência de relação entre o desempenho de start-ups de base tecnológica incubadas de acordo com a região que estão instaladas, Padrão e Andreassi (2013) desenvolveram estudo quantitativo onde coletaram dados de 548 empresas participantes destes ambientes. Os resultados deste estudo apontam divergência ao estudo analisado anteriormente - realizado por Serra et al. (2011) - identificando que o desenvolvimento tecnológico e de produtos não diverge conforme a região geográfica que as incubadoras estão instaladas, contudo há diferenças na concentração de incubadoras tecnológicas e de empresas incubadas conforme a região.

Gestão de incubadoras

Outros estudos analisam características de gestão de incubadoras de empresas, tal como o de Zouain e Silveira (2006) o qual embasa seu texto na administração estratégica e compara seus

conceitos aos modelos de gestão empregados em incubadoras nacionais, e evidencia que modelos de gestão adequados propiciam melhores condições de sucesso das incubadoras. Já Souza et al. (2015) propuseram em seu trabalho um modelo de gestão baseado em mapas estratégicos e painéis de desempenho baseados nas perspectivas do Balanced Score Card.

Silva et al. (2012) realizaram estudo que buscou avaliar os impactos do desempenho dos gerentes de incubadoras no sucesso destas organizações, e resultaram como fator de maior impacto para o sucesso a participação destes agentes no planejamento estratégico das incubadas e a distribuição adequada dos recursos disponíveis. Como fator de menor impacto os autores encontraram o controle do plano de negócios das incubadas.

Em um estudo de caso único desenvolvido na incubadora CELTA de Florianópolis, Anholon e Silva (2015) avaliam a instituição como um caso de sucesso em suas políticas de gestão, e apontam como resultado cinco pontos fundamentais para a maximização de seu resultado sendo: 1 – definição do período de incubação de acordo com cada incubada; 2 – consultorias que objetivam a solução de dificuldades gerenciais específicas; 3 – a incubadora como negócio autossustentável; 4 - incubadora capacitando as empresas para enfrentar condições reais de mercado; e 5 – a incubadora desenvolvendo redes de relacionamento.

Gomes et al. (2013) e Barros e Sobral (2015) analisaram em seus trabalhos o processo de seleção de projetos para a incubação, sendo que o primeiro trata de uma análise das médias de notas obtidas pelos projetos avaliados em uma incubadora, e traz como resultado a maior possibilidade de entrada de empresas de tecnologia da informação. O segundo trata da aplicação de um método denominado PROMETHEE II que objetiva auxiliar a decisão final do gestor na seleção de projetos, sendo retratada sua aplicação em uma incubadora de Pernambuco.

Transmissão de capacidades e conhecimentos

Quanto à transmissão de capacidades por meio de serviços oferecidos de incubadoras para incubadas, Raupp e Beuren (2006) analisaram os programas oferecidos pelas incubadoras às empresas incubadas com a característica de prover melhorias no processo de gestão e melhoria da condição de enfrentamento das dificuldades, e concluíram que três dos programas ofertados apresentam maiores impactos, tal como a potencialização da característica empreendedora dos empresários.

Anholon, Zaqui e Sousa (2005) objetivaram identificar os principais mecanismos de auxílio disponibilizados pelas incubadoras às incubadas, e o que se expõem como resultados são os programas ofertados e de que maneira estes ocorrem. Contudo o que é identificado em trabalho como o de Versani e Guimarães (2006) e Storopoli, Binder e Maccari (2013) demonstra baixas participações das incubadoras quanto à capacitação dos incubados.

Já Storopoli, Binder e Maccari (2013) avaliaram a importância de todos os recursos disponibilizados por uma incubadora e apesar de identificar que a transmissão de conhecimentos

gerenciais é pouco eficaz, a capacitação quanto à elaboração do plano de negócios se faz um serviço de relativa importância.

Zouain et al. (2008), em seu estudo embasado no trabalho de Tidd, Bessant e Pavitt (2005) a respeito de ferramentas de marketing, buscaram propor um modelo de gestão de incubadoras que enquadre a teoria proposta, orientando a incubadora a desenvolver ações e instrumentos de marketing mais eficazes junto das empresas incubadas.

Xavier, Martins e Lima (2011) focaram a capacitação gerencial ofertada pelas incubadoras às incubadas objetivando propor uma ferramenta de avaliação destes programas de capacitação oferecidos. A ferramenta proposta avalia os conhecimentos dos empresários em quatro áreas da administração em duas dimensões, sendo que uma avalia os conhecimentos em que o empreendedor julga ter domínio e sua importância para o negócio, a outra avalia se estes conhecimentos foram transmitidos nos programas da incubadora. Neste estudo foram identificadas lacunas entre o que é necessário ao empreendedor e o que é transmitido pela incubadora.

Noronha et al. (2014) objetivaram identificar as estratégias adotadas pelas incubadoras para minimizar as incertezas inerentes à ação empreendedora na visão dos gestores das instituições. Foram identificadas nove incertezas sendo que as incubadoras analisadas se demonstram capazes de contribuir para a minimização de apenas três destas. Macêdo e Boava (2009) conduziram seu trabalho sob a perspectiva da abordagem fenomenológica a fim de identificar a relação incubadora – ação empreendedora, e concluem que o empreendedorismo ocorre independentemente da ação da incubadora, contudo esta pode facilitar e acelerar a ação empreendedora.

Incubadoras de empresas são fortemente vinculadas ao empreendedorismo, não obstante vários trabalhos envolvendo esta relação são desenvolvidos. Alguns destes são embasados nas dimensões da Orientação Empreendedora - OE propostas por Miller, tal como Santos Alves e Bitencourt (2015), onde se buscou avaliar a influência conjunta de tais dimensões no desenvolvimento de empresas incubadas, e como resultado encontraram que elas influem de forma independente sobre as empresas.

Outro estudo realizado por Tondolo et al. (2015) explora o papel da OE nas capacidades dinâmicas e inovativas de empresas incubadas de forma quantitativa, o que resultou na conclusão de que quanto maior a orientação empreendedora destas empresas, maior são as capacidades que foram estudadas. Já Lazzarotti et al. (2015) analisaram as dimensões da OE em 128 empresas graduadas objetivando comparar seus resultados com outro estudo desenvolvido com base em empresas incubadas, e obtiveram resultados diferentes dos anteriormente propostos, constituindo-se um modelo unidimensional e refletindo outras dimensões como mais importantes, com autonomia e redes de relações.

Silva, Gomes e Correia (2009) realizaram estudo que objetivou comparar as características de empreendedores em incubadoras brasileiras e portuguesas. Para tanto, os autores se

basearam nas dimensões culturais de Hofstede e de OE de Lumpkin e Dess, refletindo diferenças principalmente nas dimensões de distância do poder e aversão à incerteza nas dimensões de Hofstede, assim como nas dimensões de propensão para o risco e a para a competitividade agressiva da OE, sendo todos superiores no Brasil. Identificaram, também, que empreendedores brasileiros possuem maior rejeição a incertezas futuras assim como maior propensão a assumir riscos.

Objetivando analisar como as incubadoras contribuem para o desenvolvimento das empresas incubadas, sob a ótica da Visão Baseada em Recursos, Storopoli, et al. (2015) realizaram estudo de casos múltiplos que os permitiu identificar que para empresas em fase inicial de incubação a infraestrutura representa maior importância para os empreendedores, já aquelas em estágios mais avançados, as redes de relacionamento propiciadas pelas incubadoras são fatores de maior impacto.

Redes de relacionamento intra e extra incubadora

Desidério e Popadiuk (2015) objetivaram em seu artigo analisar perfis interativos em redes de inovação entre incubadoras e parceiros para a troca de conhecimento, e identificaram que podem ser geradas oportunidades de absorção principalmente de conhecimentos tecnológicos nestes relacionamentos entre os agentes. Loiola e Lagemann (2013) relacionaram redes sociais com o desempenho empresarial de cinco empresas incubadas, mapeando redes de confiança, informação técnica, informação sobre gestão e características estruturais, os autores afirmam, a partir dos dados levantados, que empresas com melhor desempenho possuem redes mais coesas, e assumem ainda que as incubadoras devem prover suporte que favoreça a formação e atuação de network.

Estudo realizado por Gallon, Ensslin e Silveira (2009), a respeito das redes de relacionamento em pequenas empresas de base tecnológica incubadas, objetivou identificar quais são os envolvidos nas redes criadas por estas empresas, assim como verificar a importância atribuída pelos empreendedores sobre estas redes. Como resultado fora traçado um mapa de relacionamento de meios e fins, sendo o primeiro de facilitadores da formação de redes e o segundo os fins a que almejam, e fora identificado que no que tange aos meios para o alcance dos objetivos de mercado as empresas sofrem dificuldades principalmente devido à falta de apoio da incubadora para o alcance da eficiência dos processos.

Iacono, Almeida e Nagano (2011) realizaram análise a respeito da cooperação e interação entre empresas incubadas em diferentes níveis do processo, almejando identificar o grau de importância atribuído pelos empreendedores à cooperação existente, e a tendência de tal comportamento após a fase de incubação. Os resultados indicam resultados positivos quanto aos dois aspectos avaliados, contudo demonstra que estes ocorrem de maneira incipiente nos ambientes avaliados.

Avaliação dos apoios recebidos

Ocorreram também vários trabalhos que tratam de avaliações dos apoios transmitidos pelas incubadoras às incubadas, assim como do processo de incubação. Raupp e Beuren (2011), em seu estudo que objetivou identificar quais são os principais suportes oferecidos pelas incubadoras, assim como os principais pontos analisados no processo de seleção de novos projetos, proporcionaram em conclusão um panorama completo dos principais apoios ofertados nestes ambientes institucionais, não havendo pretensão de avaliar a satisfação dos mesmos pelos empreendedores incubados.

Costa, França e Teixeira (2010) avaliaram os suportes oferecidos pela incubadora CISE às empresas de base tecnológica incubadas, o fazendo sob duas perspectivas, a dos gerentes da incubadora e a dos empreendedores, encontrando divergências ao passo que na visão dos primeiros, a incubadora cumpre com seu papel em apoios estruturais, assessoria/consultoria e treinamento, já para os empresários este papel não é cumprido em todas as perspectivas, sendo falho no respectivo a assessorias/consultorias.

Estudo utilizando a visão dos mesmos personagens que o anteriormente analisado foi desenvolvido por Engelman, Fracasso e Brasil (2011), no qual foram analisadas as percepções dos gerentes das incubadoras e dos empresários incubados. Contudo, neste as análises foram baseadas na Servqual de Parasuramen, Zeithaml e Berry, direcionando seus estudos às “lacunas” da qualidade nos serviços, e identificaram que a incubadora conhece as necessidades dos incubados, contudo não as atende conforme a expectativa dos empresários.

Resultado diferente fora encontrado por Noriler e Andrade (2006), quando avaliaram os recursos disponibilizados pela incubadora na visão dos empresários incubados a partir da teoria da visão baseada em recursos, e constataram que a incubadora cumpre integralmente com a promoção dos recursos e capacidades das empresas incubadas. Souza, Sousa e Bonilha (2008), também em uma análise relativa à percepção de empresas incubadas sobre os apoios recebidos, retratam plena satisfação dos empreendedores quanto ao espaço físico oferecido pelas incubadoras, contudo em termos relativos a apoio em questões trabalhistas, relação com clientes e questões ambientais constatou-se insatisfação por parte dos gestores.

Silva et al. (2013) também analisaram as percepções dos incubados em relação aos serviços prestados pela incubadora, e constataram que os empresários se sentem vulneráveis quanto ao apoio tido, o que dificulta o desenvolvimento sustentável das organizações instaladas. Resultado negativo quanto aos apoios recebidos também foram obtidos no estudo de Xavier, Martins e Lima (2008), no qual fora analisado a influência de três incubadoras no desenvolvimento de empresas de base tecnológica, identificando, na visão de empresas graduadas e incubadas, que faltam apoios na prospecção de clientes, busca por recursos financeiros e na aproximação das empresas com a universidade, principalmente relativos à transmissão de tecnologia.

Objetivando relacionar o desempenho dos apoios e serviços prestados pela incubadora como atrativo para novos incubados e também tais apoios com a consolidação das empresas já incubadas, Barbosa e Hoffmann (2013) aplicaram entrevistas e questionários junto a gestores de empresas incubadas e graduadas. Os resultados apontam para diferentes percepções quanto aos apoios recebidos por empresas de diferentes faturamentos e tamanhos, retratam também que os objetivos que tornam a incubação atrativa não são os mesmos daqueles apresentados por empresas já consolidadas.

Baêta e Borges (2005) realizaram estudo objetivando identificar a contribuição das incubadoras às incubadas quanto à transmissão de capacidades voltadas à internacionalização de seus negócios. Os resultados encontrados apontam para pouca contribuição a tal processo, não havendo medidas específicas para tanto. Resultados semelhantes foram encontrados por Fiates et al. (2013), que avaliaram, sob a perspectiva de empresas incubadas e graduadas, a contribuição obtida através da incubadora para a internacionalização de seus negócios. Os resultados demonstram que as incubadoras aceleram o processo de inovação e através de redes de relacionamento buscam aproximar as incubadas à internacionalização, contudo, na visão dos empresários, não há nenhum processo efetivo que incentive ou auxilie tal internacionalização.

Engelman e Fracasso (2013) também realizaram trabalho objetivando avaliar os apoios recebidos da incubadora para a internacionalização de empresas incubadas, criando para tanto, um modelo de mensuração destes apoios. Neste estudo foram tomados como amostra 50% da população de incubadoras tecnológicas nacionais. Os resultados apontam para um suporte compatível com as necessidades das empresas incubadas, fomentando a internacionalização das empresas, encontradas em volume de 10% das empresas estudadas.

Proposta de indicadores de desempenho

Tem-se na produção nacional, artigos que buscam propor sistemas de avaliação tanto de incubadoras como de incubadas, propondo diretrizes de análise para aprimoramento de deficiências percebidas nos dois atores. Uma destas propostas é feita por Andrade Junior (2014), o qual propõe um modelo de avaliação das dificuldades enfrentadas pelas incubadas, fornecendo à incubadora dados relativos às principais necessidades destas empresas e possibilitando ações mais efetivas de assessoramento e consultoria.

Já Gallon, Ensslin e Ensslin (2011) objetivaram desenvolver um modelo de avaliação dos investimentos e do desempenho das ações adotadas por meio da metodologia MCDA-C, e propuseram 43 critérios de análise que contemplam tal necessidade, gerando informações importantes à coordenação destas organizações.

Outro estudo encontrado foi realizado por Ortigara et al. (2011), que propõem a análise por agrupamento de fatores de desempenho de incubadoras relativos principalmente à sobrevivência e desenvolvimento das mesmas, apresentando seus resultados sob a perspectiva do tempo de existência das incubadoras. A primeira trata de organizações recém instaladas onde infra

estrutura e marketing são os principais fatores para seu crescimento. O segundo grupo são organizações mais maduras, onde a qualidade de gestão e de pessoal passam a ser fatores determinantes do sucesso.

Trabalhos realizados por Santos et al. (2008) e Salles e Iozzi (2010) trazem em seu conteúdo proposições de indicadores avaliativos do desempenho de incubadoras. O primeiro investiga indicadores utilizados em oito incubadoras de base tecnológica, alinhando-os em uma nova proposta de indicadores compatíveis com a missão deste tipo de organização, que é gerar inovação, os autores testam tal modelo em três organizações a fim de validar seu modelo.

O segundo trabalho se baseia no BSC para propor indicadores de desempenho das incubadoras, além de realizar investigação acerca da gestão de incubadoras do estado de São Paulo, onde se identificou que os indicadores utilizados pelas mesmas não são compatíveis com um sistema de medição de desempenho.

Outros trabalhos têm como foco a proposição de indicadores de desempenho para a análise das empresas incubadas. Ferreira et al. (2008) propõem indicadores de acompanhamento das incubadas, sendo estes baseados na ferramenta BSC. Os autores elaboram ainda uma planilha para coleta de dados por motivos de aderência aos indicadores. Bulgacov, Bulgacov e Canhada (2009) formalizaram indicadores qualitativos de gestão orientados à formação de gestores dentro das incubadoras dispostos em cinco categorias analisadas, em seu estudo com 118 empresas de 18 incubadoras nacionais.

Outro modelo de mensuração é proposto por Damião e Graça (2013), sendo este voltado a avaliar de forma específica o nível de intensidade tecnológica dos projetos incubados, a maturidades dos mesmos, assim como as competências das empresas e suas capacidades de agregação de conhecimento técnico em seus projetos. De Paula, et al. (2015) objetivaram algo semelhante em seu estudo analisando os medidores de inovação utilizados por incubadoras de bases tecnológicas, e então propondo indicadores que possibilitam monitorar o processo de inovação. O estudo retrata ainda que os empresários desconhecem qualquer índice de medição de inovação.

Cançado, Vieira e Cançado (2011) realizaram trabalho cujo objetivo fora avaliar resultados obtidos por meio do uso de indicadores de desempenho para incubação de Cooperativas Populares na Universidade Federal do Tocantins. Constataram que, apesar dos pontos fortes apresentados e da evolução nos mecanismos de controle propiciados pela mesma, esta necessita de adequações, como a inserção de novos indicadores qualitativos de análise.

Gestão de conhecimento por incubadas

Cruz, Nagano e Borges (2010) realizaram estudo relativo à gestão estratégica do conhecimento em empresas incubadas em duas incubadoras do estado de São Paulo, constatando que há um conhecimento mais sistematizado em um primeiro grupo de empresas. Já

o outro apresenta uma cultura de incentivo ao acesso dos bancos mais intenso e interações mais individualizadas.

Dois trabalhos publicados por Bezerra e Quandt, um em 2013 e outro em 2015, trazem a relação entre Gestão do Conhecimento - GC com outros indicadores de crescimento, de empresas graduadas no processo de incubação. O primeiro, de 2013, relaciona GC com faturamento e número de funcionários das graduadas, identificando que as empresas com maior número de funcionários possuem percepções mais eficazes das práticas de GC. Já a relação entre GC e faturamento é encontrada em apenas 40% das estudadas. O estudo de 2015 relaciona GC com faturamento e inovação de graduadas em incubadoras paranaenses. Neste constatam que há relação entre as três variáveis quando os resultados são crescentes, ou seja, empresas com percepções mais eficazes das práticas de GC apresentaram maior faturamento e maior propensão à inovação.

Gallon e Ensslin (2008) desenvolveram estudo sobre o potencial da liderança criativa em equipes de trabalho de empresas incubadas em Santa Catarina, e conclui-se que, para o setor investigado, os índices de liderança criativa obtidos permitem classificar suas equipes como criativas, já que todas as EBTs se enquadraram na categoria Equipe dos Sonhos.

Relação universidade e incubadoras

Alguns trabalhos tratam da relação entre universidade e empreendimentos incubados. Maehler, Cassanego Junior e Schuch Junior (2009) avaliam se há contribuições ao desenvolvimento de pequenas empresas proporcionados pela UFSM e sua incubadora ITSM. Os resultados retratam que a ITSM cumpre seu papel de desenvolvimento de pequenos empreendimentos, contudo a participação do apoio universitário se apresentou incipiente.

Santos e Teixeira (2012) desenvolveram um estudo de casos múltiplos respectivos a três spin-offs gerados na UFS, incubados no Centro de Incubadoras de Sergipe (Cise) buscando descrever o processo de spin-off acadêmico com base em modelo adaptado de Ndonzuau, Pirnay e Surlemont. Os resultados demonstram que tais empreendimentos enfrentam problemas como gestão inadequada ao ambiente externo, falta de confiança dos clientes devido a pouca experiência, escassez de recursos para investimento e necessidade de desenvolvimento de capacidades gerenciais.

Já Santos e Moraes Filho (2014) analisaram o processo de incubação de empresas criadas por iniciativas de alunos em uma incubadora universitária, assim como identificar o que leva empreendedores a buscar tal instituição. Os resultados são dispersos, e na visão dos autores retratam que todos os empreendedores já incubados nesta instituição, consideram positivos os apoios recebidos pela mesma.

Collarino e Torkomian (2015) realizaram estudo cujo objetivo é verificar como a existência de parque tecnológico em São Carlos -SP estimula o surgimento de spin-offs acadêmicos nesta região. No entanto, os resultados apontam que a existência de tais instituições (incubadoras) não

é suficiente para estimular a criação de spin-offs acadêmicas, apresenta-se ainda que os empreendedores carecem de incentivos da universidade para a criação de tais empreendimentos e para permear a relação entre estes e a incubadora.

Outro estudo relaciona incubadoras de empresas existentes em universidades com o estímulo a inovação. Neste, Gava, et al. (2015) objetivam verificar se tal relação tem capacidade de gerar desenvolvimento regional, alterando a realidade local. Os resultados demonstram que a inovação é pouco influente nas regiões de pequeno porte analisadas, retrata ainda que os atores estão presentes neste processo, porém apontam para a necessidade de orientação alinhada com a tecnologia gerada em instituições de ensino superior para se obter melhores resultados sob a perspectiva da inovação.

Outros estudos

Os trabalhos analisados neste subitem não se enquadram nas categorias acima delimitadas. Sousa (2011) objetivou em seu estudo, propor a formação de clusters empresariais por empresas graduadas como uma forma de se manterem estáveis sem as contribuições, ou “proteções da incubadora” – como mencionado pelo autor, afirmando que esta formação pode suprir o papel da organização fora dela e proporcionar maior suporte e fortalecimento para a manutenção de sua competitividade.

Lima et al. (2014) realizaram estudo que objetivou, sob a perspectiva de Mintzberg, analisar a estrutura organizacional de empresas relacionadas à incubadora de base tecnológica da Universidade de Fortaleza. Os resultados indicam que a maior parte das estruturas formalizadas consistem na Burocracia Profissional, Estrutura Simples e Adhocracia, sendo as duas últimas relacionadas com a competência empreendedora e inovadora destas empresas.

Já Fonseca (2015) se propôs a analisar em seu estudo, as incubadoras como vetores de promoção de tecnologias limpas junto a suas incubadas de pequeno porte, buscando delimitar possibilidades de valoração dos esforços para tal desenvolvimento, assim como identificar os limites para que tal ocorra.

Se faz possível encontrar também, em estudo realizado por Vedovello e Figueiredo (2005), que constitui-se de um estudo de caso sobre uma incubadora de base tecnológica, a descrição a partir deste exemplo da chamada pelos autores de “nova espécie de incubadora” na tentativa de promover um maior conhecimento sobre tal.

Vivaldini e Soriano (2014) realizaram estudo em 11 empresas incubadas no intuito de identificar a existência de práticas de negócios em cadeias de suprimentos nestas, baseando sua pesquisa nos conceitos de Cooper e Pagh (1998). Os resultados constataam a inexistência de ações por parte da gerência das incubadoras, o que limita o desenvolvimento destes negócios nas empresas incubadas, finalizando o estudo formalizando algumas sugestões para mudança deste cenário.

Luz et al. (2012) desenvolveram estudo de um case de sucesso de uma empresa incubada desde o seu desenvolvimento na instituição, avaliando também as contribuições do “habitat de inovação”. Os resultados apontam o pouco apoio recebido da incubadora que acabou por contribuir para o sucesso da empresa, porém pouco é relatado sobre isso no estudo, sendo o foco principal na descrição da trajetória da empresa analisada.

Por fim, o último trabalho analisado, de autoria de Figlioli e Porto (2012), analisou os mecanismos financiadores da implementação das incubadoras brasileiras em comparação com as espanholas, e delimitam cinco fatores que interferem neste processo, sendo: participantes da organização gestora; modelo jurídico da organização gestora; elementos constitutivos de propriedade da organização gestora; atração de infraestruturas tecnológicas e empresas âncoras; e disponibilidade de fundos públicos de fomento ao desenvolvimento tecnológico e econômico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Criar medidas que fomentem o empreendedorismo e a inovação em uma nação passa a ser necessário para promover a competitividade da mesma em um mercado cujas fronteiras não se limitam as divisões territoriais. Neste sentido, as incubadoras de empresas surgem como organizações capazes de suprir as necessidades e tornar-se, através de capacitação gerencial, mercadológica e tecnológica, assim, pelo fornecimento de estrutura completa para o funcionamento de micro e pequenas empresas de diferentes finalidades inovativas, um ambiente seguro para o desenvolvimento econômico e social das regiões em que se situam.

Contudo, o que se nota analisando-se o quantitativo publicado respectivamente sobre as três principais categorias - 4, 6 e 7, que tratam respectivamente da transmissão de capacidades e conhecimentos da incubadora para incubadas, a avaliação dos apoios recebidos da incubadora, e a proposta de indicadores de desempenho tanto das empresas incubadas como da incubadora, assim como os resultados encontrados nestes estudos, é a existência de grande preocupação com o desempenho das incubadoras de empresas nacionais junto às empresas nelas incubadas, o que justifica-se pelo grande número de artigos cujos resultados apresentados se mostram negativos em relação aos serviços recebidos, o desempenho da gerência da incubadora e a capacidade desta em promover aquilo que é o seu principal objetivo (categorias 4 e 6).

Identifica-se também, analisando-se a categoria 1 que exprime a relação entre incubadora e governo que, embora seja um instrumento muitas vezes de iniciativa pública, ou seja, é parte da ação governamental para promoção de desenvolvimento regional e de inovação, as incubadoras estão desassistidas por aqueles mais interessados, recebendo poucos recursos e apoios que possam trazer melhor desenvolvimento destes organismos junto à sociedade e, principalmente, melhorar o desempenho destas junto às empresas incubadas.

Analisando-se a categoria 2, que agrupa trabalhos cujo objetivo se resume no planejamento estratégico voltado à análise ambiental e formulação de estratégias como forma de melhorar o desempenho das instituições foco do estudo, se faz possível afirmar que as incubadoras não

podem ser constituídas ao acaso, sem prévio planejamento e análise de fatores ambientais que possam tanto impulsionar seu desenvolvimento, como aqueles que podem prejudicar o mesmo.

Já nos quatro artigos referentes à análise das redes constituídas intra e extra incubadora, que almejam identificar como estas se desenvolvem e sua importância para as empresas incubadas, nota-se que, apesar de um tema pouco explorado, este resulta em fator importante para o desempenho destas empresas e, conseqüentemente, no sucesso da incubadora na promoção do desenvolvimento e crescimento destes empreendimentos.

Da categoria 8, que agrupa trabalhos que abordam a Gestão do Conhecimento em incubadas ou graduadas no processo de incubação, nota-se que os resultados mais significativos são os encontrados por Bezerra e Quandt (2013; 2015), onde relaciona-se o desenvolvimento de aspectos como inovação e número de funcionários por exemplo, demonstrando resultados positivos a sua aplicação coerente. Contudo, os resultados dos demais trabalhos identifica que há pouco conhecimento e aplicação destes conceitos em empresas incubadas, indicando uma lacuna a ser explorada pela gestão das incubadoras a fim de melhorar seu desempenho junto às empresas.

Os trabalhos analisados na categoria 9, que relacionam a universidade com a incubadora, demonstram que há disparidade com a aproximação almejada entre os dois organismos, indicando que quando esta relação ocorre não consegue promover resultados significativos de transmissão de conhecimento, tecnologia e desenvolvimento em âmbito geral.

Já os trabalhos analisados na categoria 10 demonstram um campo amplo de pesquisas a serem exploradas sobre o tema incubadora de empresas, tal qual àquelas categorias que apresentaram resultados relativamente baixos (categorias 5, 8 e 9, por exemplo), podendo assim enriquecer e promover indicações mais sólidas e gerais sobre a situação nacional das incubadoras de empresas.

Desta forma, este artigo cumpre com o objetivo de analisar a produção nacional publicada em periódicos sobre incubadora de empresas, oferecendo contribuições múltiplas, em grande parte para as próprias incubadoras terem uma visão geral de como se desenvolvem e são avaliadas suas atividades, assim como possibilidades significativas de melhorias a partir de várias sugestões propostas pelos autores. Serve também de guia para pesquisadores e acadêmicos que buscam maiores informações sobre o tema, possibilitando um resumo significativo de trabalhos relativamente recentes sobre tema. Recomenda-se para estudos futuros, a análise da produção nacional deste mesmo tema, incubadora de empresas, contudo em forma de dissertações e teses, ampliando e valorando os resultados oferecidos.

REFERÊNCIAS

- AMARO, Rubens de A.; BRUNSTEIN, Janette. O ensino em incubadoras universitárias: a competência empreendedora como um vir a ser. **RACE – Edição Especial Anpad**, p. 155-190, 2013.
- ANDRADE JUNIOR, Pedro P. Modelo de avaliação e superação das dificuldades de empresas de base tecnológica em incubadoras. **Production**, v. 24, n. 4, p. 809-819, out./dez. 2014.
- ANHOLON, Rosely; ZOQUI, Eugênio J.; SOUSA, Jefferson. Levantamento dos mecanismos utilizados pelas incubadoras brasileiras para auxiliarem micro e pequenas empresas. **Rev. Cent. Ciênc. Admin**, v. 11, n. 1, p. 103-114, ago. 2005.
- ANHOLON, Rosley; SILVA, Mário C. Diferenciais do sistema de gestão desenvolvido por uma incubadora de empresas de referência: o caso do CELTA FLORIANÓPOLIS. **Revista GEINTEC**, v. 5, n. 1, p. 1864-1880. 2015.
- ANPROTEC. **Estudo, Análise e Proposições sobre as Incubadoras de Empresas no Brasil – relatório técnico**. Brasília, 2012. Disponível em: <http://anprotec.org.br/site/menu/publicacoes-2/estudos-e-pesquisas/>. Acesso em 05 de fevereiro de 2016.
- ANPROTEC. Mapeamento dos Mecanismos de Geração de Empreendimentos Inovadores no Brasil. Brasília, 2019. Disponível em: https://anprotec.org.br/site/wp-content/uploads/2019/09/Mapeamento_Empreendimentos_Inovadores.pdf. Acesso em 02 de abril de 2019
- ARAÚJO, Cíntia M.; BOAS, Giovanna V. Políticas públicas e incubação de empresas: o caso do estado de São Paulo. **Rev. Ciênc. Admin**, v. 19, n. 2, p. 507-535, jul./dez. 2013.
- BAÊTA, Adelaide M. C.; BORGES, Candido V.; TREMBLAY, Diane G. Empreendedorismo internacional nas incubadoras: perspectivas e desafios. **Revista de negócios**, Blumenau, v. 10, n. 2, p. 76-87, abril/junho, 2005.
- BARBOSA, Loyce G. F.; HOFFMANN, Valmir E. Incubadora de empresas de base tecnológica: percepção dos empresários quanto aos apoios recebidos. **Revista de Administração e Inovação**, São Paulo, v. 10, n.3, p. 208 - 229, jul./set. 2013.
- BARROS, Rafael G.; SOBRAL, Marcos F. F. Aplicação da metodologia multicritério na seleção de projetos em uma incubadora de empresas de Pernambuco. **Revista de Administração e Inovação**, v. 12, n. 2, p. 181 – 199, abr./jun. 2015.
- BEZERRA, Cícero A.; QUANDT, Carlos O. Relações entre gestão do conhecimento, inovação e faturamento: um estudo em empresas graduadas no Estado do Paraná. **Revista Alcance – Eletrônica**, v. 22, n. 2, p. 262 – 278, abr./jun. 2015.
- BULGACOV, Sergio; BULGACOV, Yará L. M.; CANHADA, Diego I. D. Indicadores qualitativos de gestão para incubadoras e empresas empreendedoras incubadas: um estudo longitudinal. **FACES R. Adm.**, v.8, n. 2, p. 55-74, abr./jun. 2009.
- COLLARINO, Roberto L. X.; TORKOMIAN, Ana L. V. O papel dos parques tecnológicos no estímulo à criação de spin-offs acadêmicas. **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**, v. 5, n. 2, p. 201-225, jul./dez. 2015.
- CAMPOS, Luiz F. de B.; BARBOSA, Ricardo R. Monitoração ambiental em empresas incubadas e graduadas: influências das atividades e do estágio de evolução das firmas. **Inf. & Soc.** v.18, n.1, p.103-118, jan./abr. 2008.
- CANÇADO, Airton C.; VIEIRA, Naldeer S.; CANÇADO, Anne C. M. G. Análise dos resultados obtidos pela metodologia dos indicadores de incubação de cooperativas populares em empreendimentos solidários do Bico do Papagaio/TO. **Revista Alcance - Eletrônica**, v. 18, n. 04, p. 516-535, out./dez. 2011.
- COSTA, Larissa F. S.; FRANÇA, Mariana C. L.; TEIXEIRA, Rivanda M. Apoio gerencial na incubação de empresas de base tecnológica: o caso da incubadora CISE. **RPCA**, v. 4, n. 1, p. 1-15, jan./abr. 2010.
- CRUZ, Claudia A.; NAGANO, Marcelo S. Gestão estratégica do conhecimento: um estudo comparativo em empresas incubadas. **Revista Economia & Gestão**, v. 10, n. 22, p. 110-130, jan./abr. 2010.
- DAMIÃO, Devanildo; GRAÇA, Carlos. Metodologia para controle da agregação tecnológica durante o processo de incubação. A experiência da incubadora tecnológica Agende Guarulhos, Brasil – 2013. **Revista de Administração e Inovação**, v. 12, n. 1, p. 227-247, jan./mar. 2015.
- DE PAULA, Helton C.; et al. Mensuração da inovação em empresas de base tecnológica. **Revista de Administração e Inovação**, v. 12, n. 4 p. 232 - 253, out./dez. 2015.

- DESIDÉRIO, Paulo H. M.; POPADIUK, Silvio. Redes de inovação aberta e compartilhamento do conhecimento: aplicações em pequenas empresas. **Revista de Administração e Inovação**, v. 12, n. 2, p. 110-129, abr./jun. 2015.
- DUTRA, Ivan de S.; et al. Estudo sobre a análise ambiental de ameaças do plano de ações estratégicas, e seus resultados após 4 anos: O caso da implantação de incubadora tecnológica no interior do Paraná no ano de 2000. **Revista Alcance – Eletrônica**, v.16, n.1. p.8 – 25, jan/abr. 2009.
- ENGELMAN, Raquel; FRACASSO, Edi M.; BRASIL, Vínicius S. A qualidade percebida nos serviços de incubação de empresas. **REAd**, v. 70, n. 3, p. 802-822, set./dez. 2011.
- ENGELMAN, Raquel; FRACASSO, Edi M. Contribuição das incubadoras tecnológicas na internacionalização das empresas incubadas. **R.Adm.**, v.48, n.1, p.165-178, jan./fev./mar. 2013.
- FERREIRA, Mauro P.; et al. Gestão por indicadores de desempenho: resultados na incubadora empresarial tecnológica. **Produção**, v. 18, n. 2, p. 302-318, maio/ago. 2008.
- FIATES, Gabriela G. S.; et al. Análise do papel da incubadora na internacionalização de empresas de base tecnológica, incubadas e graduadas. **R. eletr. strat. Neg.** v. 6, n.1, p. 252-274, jan./abr. 2013.
- FIGLIOLI, Aline; PORTO, Geciane S. Financiamento de parques tecnológicos: um estudo comparativo de casos brasileiros, portugueses e espanhóis. **R.Adm.**, v.47, n.2, p.290-306, abr./maio/jun. 2012.
- FIGUEIREDO, Marina D.; LEITE, Emanuel F.; cidades empreendedoras: as novas visões sobre planejamento urbano e desenvolvimento econômico no Brasil. **REAd**, v. 12 n. 5, p. 266-291, set./out. 2006.
- FONSECA, Sergio A. Incubadoras como vetores para a promoção de tecnologias limpas em empreendimentos de pequeno porte: possibilidades e limites. **Rev. Adm. Mackenzie**, v. 16, n. 1, p. 188-212, jan./fev. 2015.
- GAINO, Alexandre A. P.; PAMPLONA, João B. Abordagem teórica dos condicionantes da formação e consolidação dos parques tecnológicos. **Production**, v. 24, n. 1, p. 177-187, jan./mar. 2014.
- GALLON, Alessandra V.; ENSSLIN, Sandra R. Potencial de liderança criativa em equipes de trabalho de empresas de base tecnológica incubadas. **Revista de Administração e Inovação**, v. 5, n. 1, p. 20-35, 2008.
- GALLON, Alessandra V.; ENSSLIN, Sandra R.; SILVEIRA, Amelia. Rede de relacionamentos em pequenas empresas de base tecnológica (ebts) incubadas: um estudo da sua importância para o desempenho organizacional na percepção dos empreendedores. **R. Gest. Tecn. Sist. Inf. JISTEM**, v. 6, n. 3, p. 551-572. 2009.
- GALLON, Alessandra V.; ENSSLIN, Sandra R.; ENSSLIN, Leonardo. Avaliação de desempenho organizacional em incubadoras de empresas por meio da metodologia multicritério de apoio à decisão construtivista (MCDA-C): a experiência do MIDI tecnológico. **Revista de Administração e Inovação**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 37 - 63 , jan. /mar. 2011.
- GARÓ, Egídio J.; LEITE, Simone S.; TACHIZAWA, Takeshy. Incubadora social para o desenvolvimento de micro e pequenas organizações no contexto socioambiental de Campo Limpo Paulista e região. **Revista da Micro e Pequena Empresa**, v.1, n.2, p.65-85, 2007.
- GAVA, Rodrigo; et al. Inovação Tecnológica e Desenvolvimento Local: Spin-offs Acadêmicas diante de um Quadro Que Conjuga Dinamismo Científico e Estagnação Econômica. **Organizações em contexto**, v. 11, n. 21, p. 211-239, jan.-jun. 2015.
- GOMES, Iracema M. A.; et al. Análise da seleção de projetos do programa primeira empresa inovadora (PRIME) no centro incubador do estado de Sergipe/Brasil (CISE). **Revista GEINTEC**, v. 3, n. 3, p. 83-93. 2013.
- IACONO, Antonio; ALMEIDA, Carlos A. S.; NAGANO, Marcelo S. Interação e cooperação de empresas incubadas de base tecnológica: uma análise diante do novo paradigma de inovação. **RAP**, v. 45, n.5, p. 1485-1516, set./out. 2011.
- LAZZAROTTI, Fábio; et al. Orientação Empreendedora: Um Estudo das Dimensões e sua Relação com Desempenho em Empresas Graduadas. **RAC**, v. 19, n. 6, p. 673-695, Nov./Dez. 2015.
- LIMA, Sarah M.; et al. Estrutura organizacional das empresas vinculadas à incubadora de base tecnológica da Universidade de Fortaleza: uma análise sob a perspectiva de Mintzberg. **REGE**, v. 21, n. 3, p. 305-324, jul./set. 2014.
- LOIOLA, Elizabeth; LAGEMANN, Gerson V. Redes sociais informais e desempenho de empresas incubadas. **Revista de Ciências da Administração**, v. 15, n. 37, p. 22-36, dez. 2013.

LUZ, Andréia A. da; et al. Análise de empresa incubada como habitat de empreendedorismo, inovação e competitividade. **GEPROS**, Ano 7, n. 4, p. 43-56, out./dez.2012.

MACÊDO, Fernanda M. F.; BOAVA, Diego L. T. Relação incubadora de empresas e ação empreendedora. **Rev. Ciênc. Admin**, v. 15, n. 1, p. 221-240, jan./jun. 2009.

MAEHLER, Alisson E.; CASSANEGO JÚNIOR, Paulo V.; SCHUCH JÚNIOR, Vitor F. S. A universidade e o desenvolvimento de empresas de base tecnológica. **BASE**, v.6, n. 1, p. 27-36, jan./abr. 2009.

MANTOVANI, Daielly M. N.; et al. O papel das incubadoras de empresas no desenvolvimento local: um estudo de caso. **Revista de Administração e Inovação**, v. 3, n. 1, p. 90-101, 2006.

NORILER, Ida L. M.; ANDRADE, Arnaldo R. A gestão estratégica e a teoria dos recursos e capacidades no CRIEM – Centro de referência em incubação e empreendedorismo de Blumenau: A opinião das empresas incubadas, **Gestão & Regionalidade**, n. 64, p. 67-77, mai./ago. 2006.

NORONHA, Nayara S. de; et al. Estratégias de incubação para minimizar as incertezas da ação empreendedora. **RPCA**, v. 8, n. 3, p. 86-100, jul./set. 2014.

ORTIGARA, Anacleto A.; et al. Análise por agrupamento de fatores de desempenho das incubadoras de empresas. **Revista de Administração e Inovação**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 64- 91, jan./mar. 2011.

PADRÃO, Luis C.; ANDREASSI, Tales. O desempenho de startups de base tecnológica: um estudo comparativo em regiões geográficas brasileiras. **Revista da Micro e Pequena Empresa**, v.7, n.2, p.66-79, mai./ago. 2013.

PEREIRA, Jaine A.; et al. Estratégia como Prática: um Estudo em Empresas Incubadas de base Tecnológica. **Revista de Administração IMED**, v.4, n.2, p. 161-176, mai/ago. 2014.

QUINTAL, Renato S.; TERRA, Branca R. C. S. S. R.; SANTOS, Marcos dos. Os papéis desempenhados por governo, universidade, empresa e instituição científica e tecnológica: uma análise de municípios de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro à luz da tipologia de distritos industriais de Ann Markusen. **Revista GEINTEC**, v. 4, n.5, p.1469 -1483. 2014.

RAUPP, Fabiano M.; BEUREN, Ilse M. O suporte das incubadoras brasileiras parapotencializar as características empreendedoras nas empresas incubadas. **R.Adm**. v.41, n.4, p.419-430, out./nov./dez. 2006.

RAUPP, Fabiano M.; BEUREN, Ilse M. Perfil do suporte oferecido pelas incubadoras brasileiras às empresas incubadas. **REAd**, v. 69, n. 2, p. 330-359, mai./ago. 2011.

RIBEIRO, Simone A.; ANDRADE, Raphael M. G.; ZAMBALDE, André L. Incubadoras de empresas, inovação tecnológica e ação governamental: o caso de Santa Rita do Sapucaí (MG). **Cadernos EBAPE**, Edição Especial. 2005.

ROSA, Lia. ITSM: um caso de sucesso do modelo Tríplice Hélice. **Rev. Adm. UFSM**, v.7, ed. Especial, p. 55-69, set. 2014.

SALLES, José A. A.; IOZZI, Luiz O. Indicadores qualitativos de gestão para incubadoras e empresas empreendedoras incubadas: um estudo longitudinal. **Exacta**, v. 8, n. 2, p. 145-156. 2010.

SANTOS, Gilson D.; et al. Um estudo sobre indicadores de avaliação de incubadoras de base tecnológica no Brasil. **Revista Capital Científico**, v. 6, n. 1, p. 257 – 283, jan./dez. 2008.

SANTOS, Danielle A.; TEIXEIRA, Rivanda M. O processo de spin-off acadêmico: estudo de casos múltiplos de empresas incubadas da UFS. **Revista de Administração e Inovação**, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 31 – 50, jan./mar. 2012.

SANTOS, Paulo M.; MORAES FILHO, Rodolfo A. de Empreendedorismo na Incubadora da UFRPE: Uma Reflexão sobre Empresas Criadas por Iniciativas de Alunos e Docentes. **Organizações em contexto**, v. 10, n. 20, p. 371-406, jul./dez. 2014.

SANTOS, Ana C. M. Z.; ALVES, Maise S. P. C.; BITENCOURT, Claudia C. Dimensões da orientação empreendedora e o impacto no desempenho de empresas incubadas. **BASE**, v. 12, n. 3, p. jul./set. 2015.

SCHMIDT, Serje; BALESTRIN, Alsones. Projetos colaborativos de p&d em ambientes de incubadoras e parques científico-tecnológicos: teorizações do campo de estudo. **Revista de Administração e Inovação**, São Paulo, v. 11, n.2, p. 111 – 131, abr./ jun. 2014.

- SERRA, Bernardo; et al. Fatores fundamentais para o desempenho de incubadoras de base tecnológica. **Revista de Administração e Inovação**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 221 - 247, jan./mar. 2011.
- SILVA, Marco A. O. M.; GOMES, Luiz F. A. M.; CORREIA, Manuela F. Cultura e Orientação e Orientação e Orientação Empreendedora: uma Empreendedora: uma Empreendedora: uma Pesquisa Comparativa Pesquisa Comparativa entre Empreendedores em Incubadoras no Brasil e em Portugal. **RAC**, v. 13, n. 1, p. 57-71, jan./mar. 2009.
- SILVA, José M.; et al. Impacto das funções desempenhadas pelos gerentes nos resultados da incubadora: survey realizada na rede mineira de inovação. **Produção**, v. 22, n. 4, p. 718-733, set./dez. 2012.
- SILVA, R. L. S.; et al. Incubadora e gestão: uma percepção das empresas incubadas. **HOLOS**, Ano 29, v. 3, p. 27-37. 2013.
- SOUSA, Marco A. B. Clusters empresariais: uma alternativa às empresas após o processo de incubação para a manutenção de sua competitividade. **Revista Espaço Acadêmico**, n. 127, p. 1-7, dez. 2011.
- SOUZA, José H.; SOUSA, José E. R.; BONILHA, Isadora D. Avaliação do processo de incubação no Estado de São Paulo. **Revista da Micro e Pequena Empresa**, v.2, n.2, p.21-39, 2008.
- SOUZA, Liede A.; et al. Modelo de gestão em incubadoras e mapas de desempenho. **Rev. Ciênc. Admin**, v. 21, n. 1, p. 112-130, jan./jun. 2015.
- STOROPOLI, José E.; BINDER, Marcelo P.; MACCARI, Emerson A. Incubadoras de empresas e o desenvolvimento de capacidades em empresas incubadas. **Revista de Ciências da Administração**, v. 15, n. 35, p. 36-51, abr. 2013.
- STOROPOLI, José E.; et al. O desenvolvimento de capacidades e recursos em incubadoras de empresas. **Rev. Ciênc. Admin**, v. 21, n. 1, p. 68-94, jan./jun. 2015.
- TONDOLO, Vilmar A. G.; et al. Orientação empreendedora e capacidades dinâmicas em ambiente de inovação. **Revista GEINTEC**, v. 5, n. 3, p. 2452-2455. 2015.
- VEDOVELLO, Conceição; FIGUEIREDO, Paulo N. Incubadora de inovação: que nova espécie é essa? **RAE- eletrônica**, v. 4, n. 1, Art. 10, jan./jul. 2005.
- VIVALDINI, Mauro; SORIANO, José E. Processos de Negócios na Cadeia de Suprimentos: Um Estudo em Incubadoras de Empresas. **Revista de Administração IMED**, n.4, v.3, p. 286-299, ago./dez. 2014.
- XAVIER, Wescley S.; MARTINS, Guilherme S.; LIMA, Afonso A. T. F. C. Fortalecendo empreendimentos em TI: qual a contribuição das incubadoras? **R. Gest. Tecn. Sist. Inf. /JISTEM**, v. 5, n. 3, p. 433-458. 2008.
- XAVIER, Wescley S.; MARTINS, Guilherme S.; LIMA, Afonso A. T. F. C. Capacitação Gerencial nas Incubadoras de Base Tecnológica: proposição de um modelo matricial de avaliação. **Revista de Ciências da Administração**, v. 13, n. 29, p. 88-111, jan/abr. 2011.
- ZOUAIN, Deborah M.; SILVEIRA, A. C. Aspectos estratégicos do modelo de gestão em incubadoras de empresas de base tecnológica. **EBAPE**, v. 4, n. 3, out. 2006.
- ZOUAIN, Desirée; et al. Proposta de uma metodologia orientada para o uso em incubadoras de base tecnológica. **Rev. Ciênc. Admin**, v. 14, n.1, p. 43-53, ago. 2008.